



REDATOR PRINCIPAL

ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da União Operária Nacional

EDITOR - JOAQUIM CARDOSO

Redação e administração - Calçada do Combro, 36-A, 2.<sup>o</sup>

Lisboa - PORTUGAL

End. teleg. Tahota - Lisboa • Telephone: ?

Oficinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

# O MOVIMENTO FERROVIÁRIO

A greve ferroviária, que tudo fazia prever estar a findar, prossegue devido a uma intratigência incompreensível do governo e da Companhia, que parecem ter quaisquer interesses em prolongar a anomalia dos serviços de viagem acelerada. E se a hostilidade da opinião pública a tal inexplicável atitude, já era bem patente, mais se tem evidenciado a partir deste momento, em que o governo e a Companhia acabam de confessar que o movimento ferroviário ainda não terminou porque não querem, uma vez que os grevistas estão dispostos a negociar e a aceitar uma solução que não seja offensiva para o seu brio de classe, avendo aos prejuízos que está sofrendo o público com a completa desorganização do tráfego. A oposição à atitude dos dois potentados, é universal; mesmo as associações industriais e comerciais para aí existentes, que a princípio se apressaram em manifestar o seu apoio ao Estado, para que ele defendesse a ordem, ameaçada pelos operários que reclamavam mais dinheiro para poderem viver, já começam a manifestar opinião quasi que contrária, irremessando para a letra redonda um ofício que enviaram ao conselho de administração da C. P. — ofício que noutro lugar publicamos na íntegra — onde diz, nada mais nada menos, que as lutas ferroviárias estão a saque e que raras são as mercadorias que chegam intactas ao seu destino. Ora isto é concordante: a opinião pública, sem distinção, manifesta bem claramente o seu desejo de que os ferroviários voltem a trabalhar, afastando-se dos caminhos de ferro, os intrusos que por completo os desorganizaram.

Entende, porém, o sr. Sá Cardoso e a Companhia que não é assim, que não deve ser assim, pois querem que os grevistas voltem completamente derrotados para os seus lugares, depois de perseguidos ferozmente por governantes que só tem coragem para perseguir os operários, ao passo que deixam os açambarcadores pescar à vontade nas águas turvas da carestia da vida. Não compreendem que os trabalhadores têm a sua dignidade, que quando humilhados, tem coragem para sofrer tudo, com tanto que se desafrontem. Como não conhecem a psicologia do operariado, que julgam totalmente inconsciente, só utilizável para produzir fortunas fabulosas que a burguesia mete semcerimoniamente nos cofres, enquanto estes operários estoiram de fome, ou, então, para servir de degrau aos políticos profissionais e viderinhas que tantas abundam em Portugal, persistem na costumada orientação perante as manifestações da questão social; enquanto tiverem guarda republicana bem armada e um parlamento totalmente maleável, que vote quantos créditos de 3:100

que sejam necessários ou desnecessários, tem os homens da governança pública a certeza de que nenhum belisco sofrerá o intangível predomínio das classes parasitárias.

Já mais de uma vez, nestas mesmas colunas, temos apontado quanto errada e nefasta é essa orientação. Neste país todos os governos tem a preocupação de mostrar força; feitas as contas não tem força nenhuma, porque qualquer bando de políticos adversos, com quatro espingardas e uma metralhadora, dita-as abajo. A mania, todavia, subsiste. Foi assim até à guerra civil de Janeiro. Depois, tudo continuou na mesma. E, como os governantes os movimentos operários parecem oferecer esse ensejo de mostrar força, porque os trabalhadores não tem as quatro espingardas e a metralhadora dos políticos, sempre que elas se dão, vai de adoptar uma atitude a que não assiste a mínima parceria de raciocínio; não se olham as consequências futuras, o que é preciso é jogular a hidra que se apresenta em plena luz do sol.

Está-se dando isto com os ferroviários. O sr. Sá Cardoso entende, como genuíno representante da burguesia, que devia esmagar essa classe e para isso lançar mão de todos os processos.

Houve queria-lhe lembrar que, se a República ainda existia, talvez fosse dito aos ferroviários. Mas ele não se importou com isso. Era preciso defender a ordem ameaçada, manter o silêncio das barrigas vazias. Deslizaram os dias uns após outros e a greve colocada num tal pé de irredutibilidade, que ficou solucionada. Apareceram os direitistas, arranjaram-se plataformas,

os grevistas transigiram consideravelmente, mas o governo permaneceu intransigente, encerrado no Terreiro do Paço, não relanceando um olhar pelo país, a braços com dificuldades tremendas, perante a irregularidade dos serviços ferroviários e a sua pouca segurança.

E agora, quando todo o mundo julgava que a Companhia e o governo soubecionariam o conflito, aceitando a plataforma da Federação Nacional Republicana, foi com pasmo que se constatou que essas duas entidades continuavam encerradas no seu mutismo, não querendo terminar com este estado de coisas.

Não pode, pois, a opinião pública hesitar em declarar responsável o governo e a Companhia pelo que está sucedendo. Eles é que são os culpados;

os ferroviários limitam-se a detestar a sua dignidade, as suas reclamações, aliás pouco importantes, tendo o povo trabalhador a obrigação moral de os secundar na resistência ferrea que estão opondo aos seus dois figadões: infâmios.

Os páticos e viderinhas que tanto abundam em Portugal, persistem na costumada orientação perante as manifestações da questão social; enquanto

tiverem guarda republicana bem armada e um parlamento totalmente maleável, que vote quantos créditos de 3:100

que sejam necessários ou desnecessários,

que a sua origem na greve dos metalúrgicos da casa Varela, vilmente assassinados pela polícia, quizeram construir uma sangrenta novela maximalista a gente que ocuparam o Poder, e ao calor de uns quantos complots policiais se cometem os maiores espanhos.

Só um ou outro operário com certa vocação para o estudo, desenvolve a in-

acção, como "um desafio às leis da humanidade."

Ao mesmo tempo que exprimimos a nossa repugnância pelos autores do massacre da república soviética húngara, manifestamos a nossa absoluta e honesta simpatia pelo proletariado da Hungria, vítima da reacção internacional.

Asseguramos ao proletariado húngaro a solidariedade do operariado e do povo romeno, o qual não pode ser solidário nem responsável pelo crime dos seus governantes e que, como o povo húngaro, detesta os assassinos da liberdade, e os "polícias da reacção no Oriente", que tão criminosos se tem manifestado com esse povo.

O esmagamento da revolução húngara não é senão um corolário da mesquina, política reacionária, seguida pelo governo romeno contra os socialistas da Roménia.

Contra as forças reacionárias, cegas e brutais, a força luminosa e criadora do socialismo triunfará, num futuro próximo. A força inevitável da história desestruturará um regime irremediavelmente condenado pelos seus próprios erros.

O oligarquia romêna obteve uma vitória. Os seus exercitos de escravos entraram em Budapeste. Coube-lhe a triste e ignobil missão de esmagar, pela força brutal, a Revolução húngara. O carrasco executor da jovem república socialista da Hungria.

O oligarquia romêna, a mais reaccionária e nefasta de todas as oligarquias, prestou um belo serviço à reacção burguesa internacional. O cognome de "Pé de Meio" da Europa, no Oriente, dado à Roménia, é o que, de facto, melhor lhe corresponde.

Segundo uma carta de Vladivostok, datada de 26 de Abril e inserta no Labour Leader, de 19 de Junho, um congresso de judeus, reunido em Irkutsk, tinha protestado contra a campanha feita pelo jornal Russky Voin (o Guerreiro Russo), órgão oficial do Comando Geral de Omsk, no sentido do provocar pogroms ou matanças de israelitas.

O governo de Omsk manda para a frente a batalha inúmeras padres a fim de pregarem uma cruzada. A opinião dos generais e dos padres é que o bolchevismo é criado e sustentado pelos judeus, com o fim de destruir religião, a civilização e a nação» (palavras dum relatório oficial sobre a ação dos bolcheviques em Ufa).

O já citado jornal militarista brada, numa epígrafe, que "se aproxima a hora da vingança". E' preciso acifar a campanha a fim de concentrar a energia do povo russo na destruição dos seus verdadeiros inimigos, os judeus.

O que os contra-revolucionários pretendem, está claro, é apontar ao povo um alvo visível e simples, aproveitando os ódios de raça. Assim, desviais as energias, e atenções do povo, da luta pela sua verdadeira emancipação e fortificam a sua dominação sobre a massa, livrando-se ao mesmo tempo do ódio judeu. Tal era, pelo menos, o plano muitas vezes executado no tempo do tsarismo. Os tempos são agora mais difíceis, mas isso não impede os reacionários de tentarem os seus velhos processos.

A cruzada diz o correspondente de Vladivostok, parece evocar os tempos medievais, pelo seu espírito profunda-

mente místico e feroz, sendo dirigida pelas supremas autoridades eclesiásticas da Sibéria, que constituem uma espécie de Santo Sínodo provisório.

Antes da revolução, os judeus não podiam entrar na Santa Moscovia! A revolução suprimiu todas essas restrições, tendo Moscovia aumentado grandemente de população sob o regime bolchevista. Mas ai dos judeus, se a contra-revolução triunfasse, e o exercício de Koltchak entrasse na cidade santa.

Amostras da sua "brandura", temos desde já. Mas isso fica para outra vez.

**Nova guerra?**

**A questão de Chantung, provocará a guerra entre os Estados Unidos e o Japão?**

**WASHINGTON, 22.—Em certos meios diplomáticos acredita-se que a questão de Chantung pode provocar um conflito armado entre os Estados Unidos e o Japão.**

Afirmou-se que o sr. Lansing, secretário de Estado, escreveu ao presidente Wilson uma carta, na qual declarava ser absolutamente hostil à decisão tomada no que respeita à questão de Chantung e que a guerra seria fatal se o Japão se apoderasse desse território.

O presidente Wilson não deu publicidade a esta carta, a fim de não alarmar a opinião. Notou-se, porém, que foram logo expedidas ordens para a organização dum exército de 500.000 homens.

**Congresso Socialista Francês**

PARIS, 23.—O Congresso Nacional Socialista reunir-se há em Paris nos dias 11, 12 e 13 de Setembro próximo.

## NOTAS & COMENTARIOS

### Trabalhar...

Um senhor chamado Guedes, que é o mais espirituoso dos Oliveira que escrevem em jornais da Invicta, conclui numa das suas últimas crónicas que "o trabalhador de hoje, se alguma coisa deseja, é não trabalhar". Isto a propósito do mal estar geral, resultante da máquia de produtos de que o país, ou melhor, de que a Europa actualmente enferma. A miséria do mundo é evidente, consequência numa guerra de anos que os trabalhadores, aliás, não provocaram. E' pra que a ressurreição económica se produza mister é trabalhar, e à cara. Os operários não fazem outra cosa. Mas para cada cento trabalhadores existem cento e tantos vadios, mamando o suco vital pelo biberon político ou sugando o suor de quem produz. Não temos pão, nem dinheiro. Olham pra'rta miséria os jornalistas e os que se acham aí.

Já mais de uma vez, nestas mesmas colunas, temos apontado quanto errada e nefasta é essa orientação. Neste país todos os governos tem a preocupação de mostrar força; feitas as contas não tem força nenhuma, porque qualquer bando de políticos adversos, com quatro espingardas e uma metralhadora, dita-as abajo. A mania, todavia, subsiste. Foi assim até à guerra civil de Janeiro. Depois, tudo continuou na mesma. E, como os governantes os movimentos operários parecem oferecer esse ensejo de mostrar força, porque os trabalhadores não tem as quatro espingardas e a metralhadora dos políticos, sempre que elas se dão, vai de adoptar uma atitude a que não assiste a mínima parceria de raciocínio; não se olham as consequências futuras, o que é preciso é jogular a hidra que se apresenta em plena luz do sol.

Está-se dando isto com os ferroviários. O sr. Sá Cardoso entende, como genuíno representante da burguesia, que devia esmagar essa classe e para isso lançaço mão de todos os processos. Houve queria-lhe lembrar que, se a República ainda existia, talvez fosse dito aos ferroviários. Mas ele não se importou com isso. Era preciso defender a ordem ameaçada, manter o silêncio das barrigas vazias. Deslizaram os dias uns após outros e a greve colocada num tal pé de irredutibilidade, que ficou solucionada. Apareceram os direitistas, arranjaram-se plataformas,

os grevistas transigiram consideravelmente, mas o governo permaneceu intransigente, encerrado no Terreiro do Paço, não relanceando um olhar pelo país, a braços com dificuldades tremendas, perante a irregularidade dos serviços ferroviários e a sua pouca segurança.

E agora, quando todo o mundo julgava que a Companhia e o governo soubecionariam o conflito, aceitando a

plataforma da Federação Nacional Republicana, foi com pasmo que se constatou que essas duas entidades continuavam encerradas no seu mutismo, não querendo terminar com este estado de coisas.

Não pode, pois, a opinião pública hesitar em declarar responsável o governo e a Companhia pelo que está sucedendo. Eles é que são os culpados;

os ferroviários limitam-se a detestar a sua dignidade, as suas reclamações, aliás pouco importantes, tendo o povo trabalhador a obrigação moral de os secundar na resistência ferrea que estão opondo aos seus dois figadões: infâmios.

Os páticos e viderinhas que tanto abundam em Portugal, persistem na costumada orientação perante as manifestações da questão social; enquanto

tiverem guarda republicana bem armada e um parlamento totalmente maleável, que vote quantos créditos de 3:100

que sejam necessários ou desnecessários,

que a sua origem na greve dos metalúrgicos da casa Varela, vilmente assassinados pela polícia, quizeram construir uma sangrenta novela maximalista

a gente que ocuparam o Poder, e ao calor de uns quantos complots policiais se cometem os maiores espanhos.

Só um ou outro operário com certa vocação para o estudo, desenvolve a in-

acção, como "um desafio às leis da humanidade."

Ao mesmo tempo que exprimimos a nossa repugnância pelos autores do massacre da república soviética húngara, manifestamos a nossa absoluta e honesta simpatia pelo proletariado da Hungria, vítima da reacção internacional.

Asseguramos ao proletariado húngaro a solidariedade do operariado e do povo romeno, o qual não pode ser solidário nem responsável pelo crime dos seus governantes e que, como o povo húngaro, detesta os assassinos da liberdade, e os "polícias da reacção no Oriente", que tão criminosos se tem manifestado com esse povo.

O resultado que saem os trabalhadores da escola para oficina — quando por aquela transitam — é que, ou quase nada sabem que facilite a aprendizagem do mister a que se dedicam, mais a força das circunstâncias do que por tendência ou propensão.

Só um ou outro operário com certa vocação para o estudo, desenvolve a in-

acção, como "um desafio às leis da humanidade."

Ao mesmo tempo que exprimimos a

nosso espírito profunda-

mente místico e feroz, sendo dirigida pelas supremas autoridades eclesiásticas da Sibéria, que constituem uma espécie de Santo Sínodo provisório.

Antes da revolução, os judeus não

podiam entrar na Santa Moscovia!

A revolução suprimiu todas essas restrições, tendo Moscovia aumentado grandemente de população sob o regime

bolchevista. Mas ai dos judeus, se a contra-revolução triunfasse, e o exercício de

Koltchak entrasse na cidade santa.

Amostras da sua "brandura", temos desde já. Mas isso fica para outra vez.

**Nos jardins da ESTRELA**

### O festival de ontem

Realizou-se ontem no jardim da Estrela o anunciado festival promovido pelo Conselho dos Sindicatos para Empregados "Tuberculosos" dos Caminhos de Ferro do Estado, e direção do Corpo de Amparo para Viúvas e Orfãos dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, em benefício dos seus donos coifados.

O festival decorreu animado, tendo-se realizado quase todos os números do programa. Recitaram e disseram interessantes poesias, sonetos, etc., os actores Augusto de Melo, Alvaro Pereira, Humberto Miranda, Almeida Cruz e Erico Braga, e as atrizes Fernandes, Ema de Oliveira, Laura Costa e Tina Coelho. Foram todos muito aplaudidos, assim como Milia, excentrico musical.

Acompanhou os artistas a orquestra do Eden.

A banda da guarda republicana, deu um soberbo concerto, sempre muito aplaudido pelo auditório.

Tocou também, a abrir e a fechar o festival, a Banda Euterpe Alhandrense sob a direcção do maestro Serra e Moura.

No teatro S. Luís

### Os carpinteiros de cena declararam-se em greve

Os carpinteiros do teatro S. Luís, reclamaram, quando a revista Pé de Meio foi à cena, que o seu salário, que era de \$30 fôsse aumentado em \$10, ficando, assim, equiparados aos seus camaradas do teatro da Trindade, que ganham \$40.

